



Cesário Verde

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Cesário Verde

uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Alexandre Herculano Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

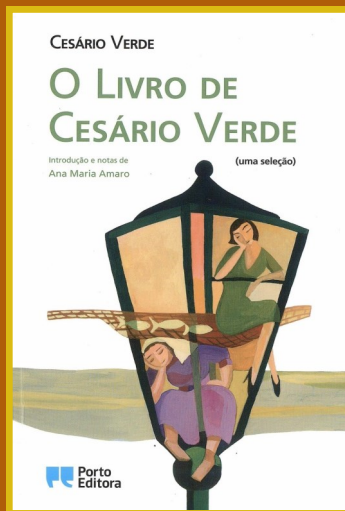
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Cota: 821.134.3-1 VER

O Sentimento dum Ocidental

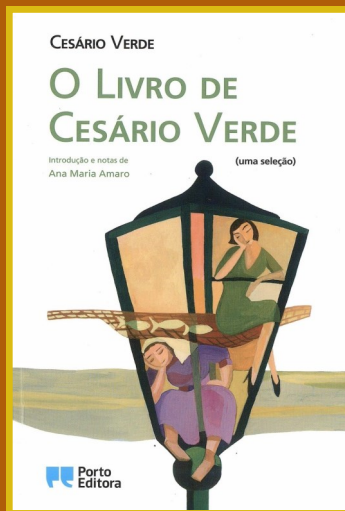
Noite Fechada

Toca-se às grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de «dom»!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares... (p. 59)

Verde, Cesário. (2015). *O livro de Cesário Verde*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-1 VER

Nós

Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas,
(Até então nós só tivéramos sarampo),
Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas
que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
Morreram todos. Nós salvamo-nos na fuga... (p. 72)

Verde, Cesário. (2015). *O livro de Cesário Verde*. Porto: Porto Editora.

Os textos



Clique para aceder aos links

Sobre os textos

Poeta do concreto, das quadras simples, Cesário Verde é um dos percursores do modernismo em Portugal. No seu tempo foi ostensivamente ignorado. O reconhecimento, a admiração, vieram muito depois da morte, aos 31 anos de idade.

Poeta do século XIX, Cesário Verde nasceu na rua dos Fanqueiros, em Lisboa, a 25 de fevereiro de 1855. Sabemos que frequentou o curso de Letras, que um incêndio na casa de campo da família destruiu muito do que escrevera, que foi um comerciante, homem da pequena burguesia e republicano convicto. Sabemos pouco para traçar uma biografia exaustiva do senhor Verde mas, lendo com atenção o seu único livro, ficamos a saber que inventou uma nova poesia.

A aventura literária de Cesário Verde começa no “Diário de Notícias”. Os versos são publicados e mal recebidos pelos seus contemporâneos e críticos literários. Ninguém estava preparado para aquela poesia, tão diferente da que se fazia na altura, da corrente melodramática e romântica que a todos agradava.

RTP Ensina. (2010). *Cesário Verde*. Lisboa: RTP Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/tag-artigo/cesario-verde/>

rio Verde: de incompre



Clique para aceder ao link

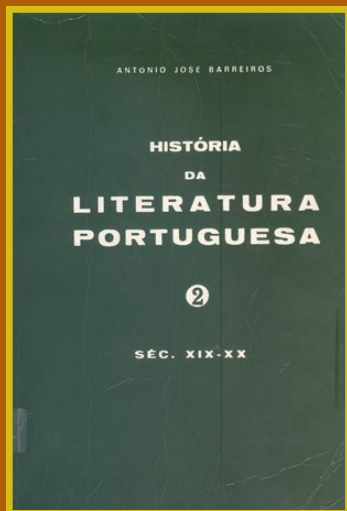
Fernando Pessoa chamou-lhe mestre, apesar de Cesário ter deixado apenas uma obra, colectânea de uma série de poemas dispersos. Poeta que fugiu aos cânones da sua época, escreveu sobre temas mundanos, o que foi mal recebido pela crítica.

Cesário Verde estreou-se na poesia em 1873. Trazia com ele novas palavras, novas imagens e uma nova adjetivação que desafiava as regras do romantismo. Queriam-se sonetos em vez de quadras, sentimentos em vez de realismo. A crítica ignorava-o, muitos dos seus poemas nem sequer tinham espaço editorial. Incompreendido, era apenas o senhor Verde, empregado do comércio. O seu único livro foi editado após a sua morte, aos 31 anos.

Porque é que o «poeta dos poetas» foi tão completamente ignorado? A resposta a esta pergunta está neste excerto da série “Grandes Livros”.

Companhia das Ideias. (2010). *Grandes Livros - O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: RTP Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/o-livro-de-cesario-verde-2/>

Sobre os textos



80(09) BAR

Cesário começou a reparar nas ruas da cidade e a observar atmosferas mórbidas e sensuais, a absorver todo o ruído e, a examinar o pavimento das vias e o feitio dos transeuntes. Espreitou pelas janelas e viu o que se passava nos interiores. Entrou nos comércios e cafés e inventariou coisas e pessoas. E todas estas grandezas e ninharias urbanas transformou depois em assunto dos seus poemas.

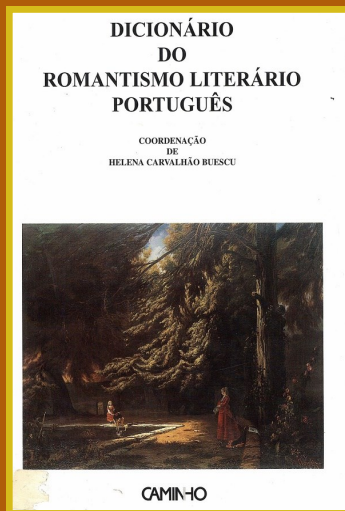
Os temas das suas composições são por isso um tanto insólitos e palpavelmente concretos. Referem-se a pessoas:

marçanos, carvoeiros, barbeiros,
operários enfarruscados,
ferreiros junto dos foles que sopram,
padeiras enfarinhadas,
hortaliceiras,

Sobre os textos

Barreiros, António José. (1996). História da literatura portuguesa. (14.ª ed. Vol. 2).

Braga: Bezerra Editora .

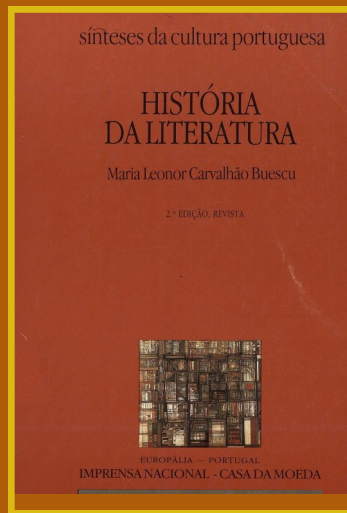


80(038) BUE

As relações de Cesário Verde com o Romantismo são, na sua ambiguidade e polivalência, claramente significativas de um momento histórico-literário de que Cesário soube ser, em Portugal emblema. A sua obra, que começa a vir a lume a partir de 1873, conhece uma história crítica complexa, estudada em particular por Joel Serrão (veja-se o prefácio que acompanha a publicação de da Obra Completa de Cesário Verde citada na Bibliografia), de que importa destacar, pelo seu significado, os factos de que Cesário nunca chegou a publicar nenhum volume de poesia e de que o estabelecimento do texto é, em muitos momentos, inevitavelmente precário. Na generalidade, é possível afirmar que a obra cesária reflete algumas das hesitações e alterações de paradigmas estéticos do início do último quartel do século XIX importando por

Sobre os textos

Buescu, Helena Carvalho. (1997). Dicionário do romantismo literário português. Lisboa: Caminho.



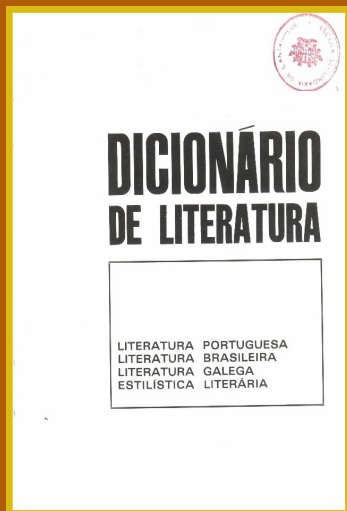
Cota: 80 BUE

No seu único livro, publicado postumamente, *O livro de Cesário Verde* (1887) a experiência parnasiana é, de algum modo fragmentária (ao contrário da de Gonçalves Crespo, em que predomina a emoção vaga e o claro recorte formal), já que a poesia de Cesário é uma poesia do quotidiano e uma poesia de contrastes desse quotidiano (mundo exterior / mundo interior, o sublime / o degradado) a verdade é que o contraste presente / passado remete para um registo diferente, enquadrando a crepuscular melancolia finissecular, de que o poema “Sentimento de um Ocidental” é o mais acabado testemunho.

As varinas, as hortaliceiras, os lojistas, os transeuntes ocasionais, as donas de casa burguesas, a variedade, enfim, dos tipos urbanos de Lisboa aliados a estados de alma indecisos, em que predomina... (p. 87)

Buescu, Maria Leonor. (1994). *História da literatura*. (2.ª ed.). Lisboa: INCM.

Sobre os textos

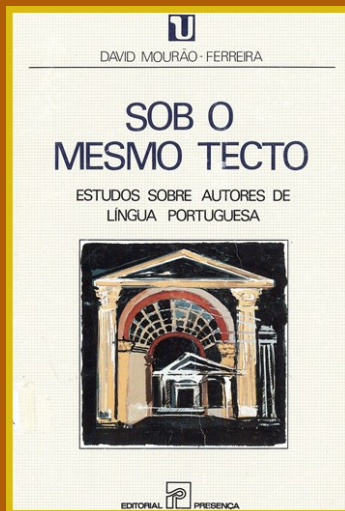


Cota: 80(038) COE

Muitas vezes, aliás, o poeta refere a si próprio, espectador, imagens e sensações, e a «objetividade» plástica alterna, em vários passos, com a fuga imaginativa. Se é «realista» o vocabulário cheio de termos concretos, alguns deles técnicos ou de linguagem familiar («biscate», «salmejo», «valador», amoniacal, batatal, etc.); se é analítica a sua frase, feita de notações justapostas, com series de adjetivos que procuram cingir os contornos e o poder sugestivo das coisas («sobre os teus pés decentes , verdadeiros / as saias curtas, frescas , engomadas»); se, mais ainda num esforço renovador, paralelo ao que Eça de Queirós leva a bom termo na prosa, Cesário tira partido de processos vincadamente impressionistas, fazendo avultar a sensação inicial, só depois referida ao objeto («Amareladamente, os cães parecem lobos) ou

Coelho, Jacinto do Prado. (1982) *Dicionário de Literatura*. (3.ª ed., Vol. 4). Porto: Figueirinhas.

Sobre os textos



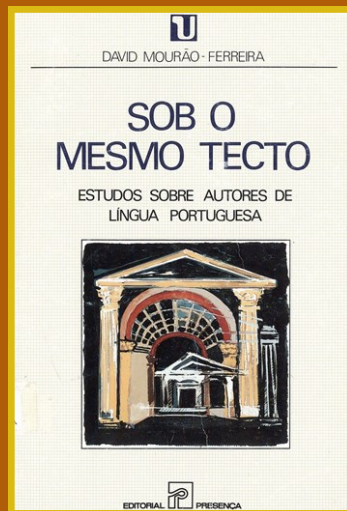
Cota: 80 FER

Uma coisa, porém, é o número das *composições* em que determinado metro ocorre, outra o global número dos versos em que se emprega este ou aquele metro. E poderá dizer-se, *grosso modo*, que o número de versos decassílabos, quer em *O Livro* quer fora dele, é praticamente o dobro do número de versos alexandrinos: respetivamente 1158 e 612 no corpo de *O Livro* 336 e 142 à margem desse corpo, mostrando-se relativamente negligenciável, tanto num caso como noutro, o número dos versos hexassilábicos e heptassilábicos, que são, como já se viu, os dois únicos padrões métricos que Cesário episodicamente empregou, para além do mais maciço e reiterado uso que sempre fez do decassílabo e do alexandrino.

Retomando enfim às circunstâncias em que Cesário Verde, num mesmo poema, alterna ou combina esses dois metros

Ferreira, David Mourão. (1989). *Sob o mesmo tecto: estudos sobre autores de língua portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos

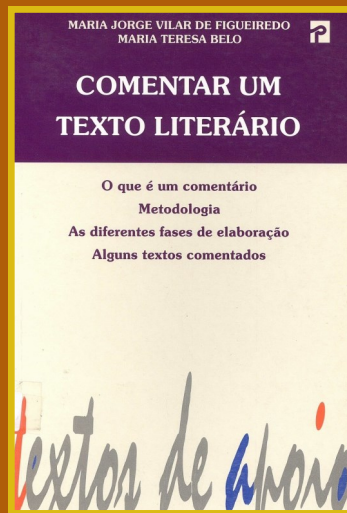


Cota: 80 FER

Serei o primeiro a reconhecer (e fui o primeiro a sentir) como são áridas e pouco empolgantes observações de semelhante teor. Elas afiguram-se-me no entanto necessárias, se não mesmo indispensáveis, para antes de mais se compreender o extremo cuidado posto por Cesário no sentido de *diversificar*, por meio de variadas combinações e dosagens, os dois metros que sempre lhe mereceram nítida predileção; e para de caminho se fazer ver o esquema estrófico utilizado em “O Sentimento dum Ocidental” é de facto um caso singular no conjunto dos textos que produziu. Mas também queremos deixar sugerido que valerá a pena intentar, noutra ocasião, a análise comparativa, dois s dois, daqueles seus poemas de maior similitude apresentam, dentro da relação decassílabo-alexandrino, e que são sobretudo os seguintes: «Em «Petiz» e «Nós» pelo que respeita à susceção de três diferentes secções ... (p.

Ferreira, David Mourão. (1989). *Sob o mesmo tecto: estudos sobre autores de língua portuguesa*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos

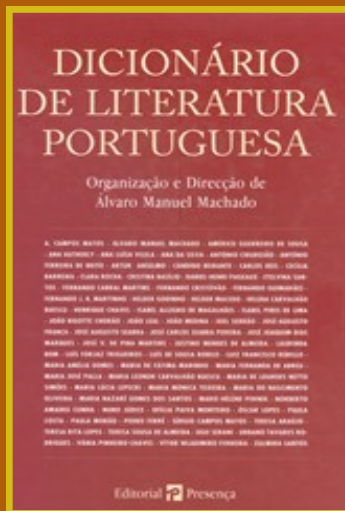


Cota: 80 FIG

O poema constitui um todo, um único bloco de sentido que se desenvolve em torno de um desejo amoroso e o segundo uma estrutura de condição / realização de factos impossíveis. Ora, a acontecimentos tão grandiosamente irrealizáveis teria de corresponder um estilo «grandíloquo» a acompanhar a narração. Daí o emprego de verso decassílabo heróico, obrigatoriamente acentuado nas 6.^a e 10.^a sílabas (com acentos secundários que oscilam entre as 2.º, 3.º, 4.º e 8.º sílabas), característico das epopeias e dos poemas heróicos. Não podemos igualmente esquecer que o mesmo verso decassílabo foi largamente utilizado pelos nossos trovadores medievais para a expressão da sua «coita de amor». «Coita» que, como no texto em análise, determinava súplica, o desejo de ser amado. Desejo que era expresso por palavras que, pela carga fónica dos sons nelas contidos, podemos associar a sofrimento... (p. 78)

Figueiredo, Maria Jorge Vilar de. & Belo, Maria Teresa. (1996). *Comentar um texto literário*. (6.ª ed.). Lisboa: Presença.

Sobre os textos

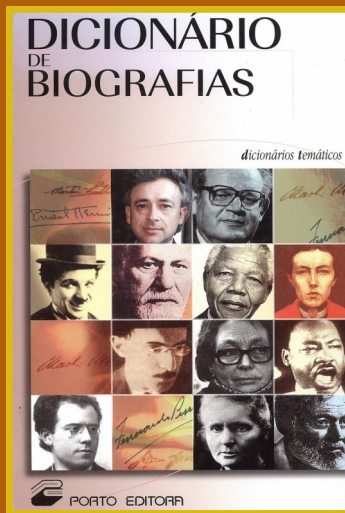


Cota: 80(038) MAC

Cesário Verde teve a consciência da intenção que o animava ao projectar na sua poesia certos efeitos do real, intencionalmente perseguidos, como testemunha em vários passos: «Eu que medito um livro que exacerbe / quisera que o real e a análise mo dessem»; «eu tudo encontro alegremente exacto»; «o ritmo do vivo e do real». No entanto, este ritmo a que alude ganha um envolvimento complexo que deriva de um conjunto de desenvolvimentos verbais ou registos que lhe são próprios, os quais tem muito a ver com a organização sonora do verso, a sua disposição estrófica que lhe dá um contorno especialmente modelado (não se detendo em *enjambements* insólitos como este: «E saio. A noite pesa, esmaga. Nos / passeios de lajedo arrastam-se as impuras») e um sentido de coesão que deriva de sequências que representam uma articulação metonímica apoiada por um desenvolvimento

Machado, Álvaro Manuel, (1996). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa : Presença.

Sobre os textos



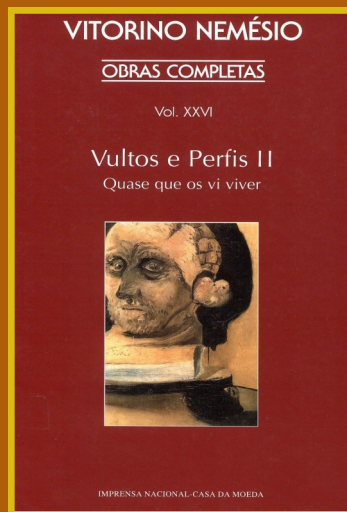
Cota: 80(038) MON

Poeta português, nascido em Lisboa, foi uma figura marcante do Realismo e do Parnasianismo português. Matriculou-se no curso de letras da Universidade de Lisboa, mas desistiu, indo trabalhar para a loja de ferragens que seu pai tinha na Rua dos Bacalhoeiros. Começou a publicar poesias no Diário de Noticias, no Diário da tarde, no Ocidente, entre outros. Entre os seus textos poéticos publicados dispersamente em revistas e jornais destacam-se O sentimento de um Ocidental (1880 por ocasião do tricentenário da morte de Camões) e Nós (1884, o seu mais longo poema) Foi graças a os esforços do seu amigo Silva Pinto que as suas poesias são postumamente publicadas em volume, em 1887, com o título O Livro de Cesário Verde.

Cesário soube revolucionariamente fazer do quotidiano

Monteiro, Manuela (Coord.).(2001). *Dicionário de biografias*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos

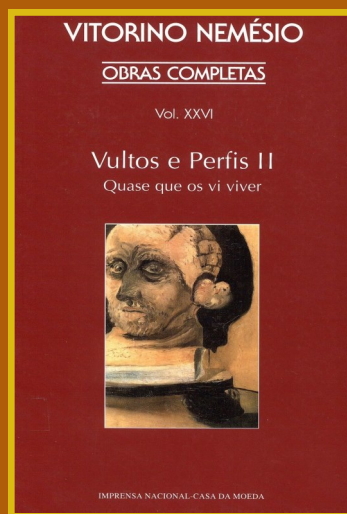


Cota: 80(092) NEM

Cesário funde admiravelmente estes elementos da cidade: a vida barulhenta e variegada das ruas, a pasmaceira de esquinas e de praças, o fumo dos cafés. Lojas, repartições, caixeiros, burocratas, marialvas e padres – um prelado que passa num *coupé*: uma costureirinha que abala de manhã para o trabalho e atravessa as «covas, entulhos lamaçais» depressa, no meio de robustos calceteiros que se endireitam para a verem. Os operários das fábricas e arsenais, os vendilhões, as varinas «sacudindo as ancas opulentas», literatos e mirones, prédios e tipoias, os carpinteiros que «saltam de viga em viga» ... e sobretudo a atmosfera luminosa da Lisboa do Tejo, das colinas e das hortas, de Eça de Queirós, Gomes Leal e Fialho fizeram também os seus temas; tristeza ao anoitecer, a grandeza baça do porto apetrechado, que Fernando Pessoa cantará num delírio de poema mecânico (*Ode Marítima*)... (pp. 141-

Nemésio, Vitorino. (2004). *Vultos e perfis: quase que os vi viver*. Lisboa: INCM.

Sobre os textos

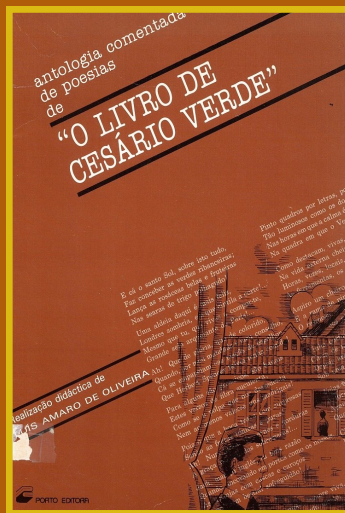


Cota: 80(092) NEM

O ar livre plástico, com as suas sugestões de sonoridade e de fluído, o material do campo citadino, tudo enfim assinala a viragem do impressionismo, comoveu mediocrementemente o género pictórico português da segunda metade do séc. XIX. Malhoa e Pousão significam, no trânsito desse século ao nosso e em graus diversos, o horizonte plástico que nos era então acessível: Pousão, impedido talvez por uma morte precoce de se libertar da sua aliás original aprendizagem italianizante da pintura e de enfileirar, assim, com a afoita novidade dos grandes impressionistas criados na órbita de Paris; Malhoa rigorosamente contemporâneo de Cesário Verde, temperalmente confinado a um forte cavalete de província, atraído por feiras etográficas, por cenas pitorescas e tipológicas de taberna, pela figura

Nemésio, Vitorino. (2004). *Vultos e perfis: quase que os vi viver*. Lisboa: INCM.

Sobre os textos

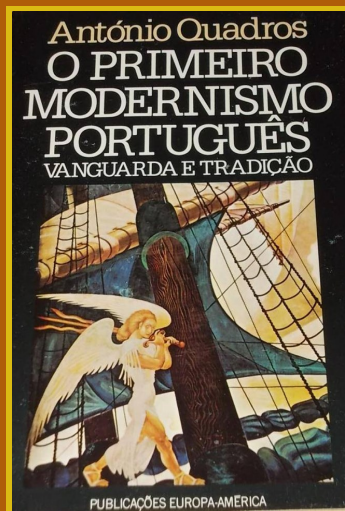


Cota: 80(082) OLI

A acreditar no que ele próprio nos conta na poesia *Nós* e em declarações que colhemos oralmente de pessoa que o conheceu de menino, Cesário guardou para sempre uma profunda recordação desses tempos. Vivendo em contacto com a natureza, a sua visão do campo não se materializou em falsos bucolismos de selecta. Foi temperada pela lição positiva e realista diariamente colhida na empresa agrícola dirigida por seu pai que tirava da herdade os produtos depois exportados para o Brasil e Inglaterra; e, sendo criado desde tenra idade entre gente simples da aldeia – homem feito, quantas vezes não recordaria a companhia do *Fura* e do *José Duarte*, no largo da quinta de Mira-Bela e as azenhas de cana e de bugalho que a água de dentro tocava... o vago populismo que mais tarde professa nos seus versos é sereno e

Oliveira, Luís Amaro de. (1989). *Antologia comentada de poesias de "O livro de Cesário Verde"*. Porto: Porto Editora.

Sobre os Textos

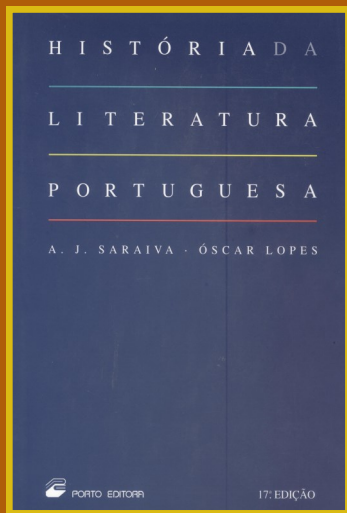


Cota: 80 QUA

O que faz a gazeta de Cesário, o que o torna um poeta que prende e encanta, é a autenticidade e a frescura das suas evocações sensacionalistas de um real muito concreto e próximo, as ruas da Lapa, os campos de Linda-a-Pastora, a silhueta feminina que passa entre os calceteiros, as pequenas emoções do dia-a-dia, oscilando sempre entre a alegria animal de estar vivo e uma certa angústia difusa e inominada que é porventura, neste poeta de exterioridade, o vestígio arqueológico de uma meditação mais funda, embora recusada. Este realismo, este naturalismo espontâneo e felizmente não sistemático de Cesário Verde, aponta-o Maria Ema Tarracha Ferreira, tem porventura a sua origem histórica, a sua inspiração ou o seu anúncio nas poesias pseudo-satânicas e de influência baudelairiana, que Eça de Queiroz publicou em 1869 no jornal *A Revolução de Setembro*, sob o heterónimo ou o pseudónimo (partilhado com Antero de Quental) de Carlos Fradique Mendes, especialmente *A Velhinha*, que assim principia: Eu gosto pelas ruas da

Quadros, António. (1989). *O primeiro modernismo português*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

Sobre os Textos

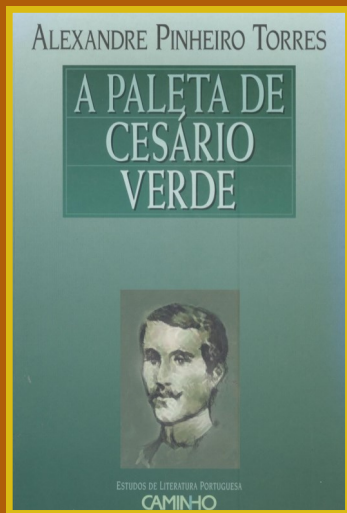


80(09) SAR

Esse poeta, quase sem precedentes nem continuadores entre nós, assimilando organicamente o que ao que aprendeu de Baudelaire e Coppeé, descobre a beleza energética da «riqueza química do sangue» nos operários «enfarruscados e secos», dos arsenais, ou de um «cardume negro» de varinas, ou do tinir no granito do aço dos calceteiros, e de toda a utensilagem dos ofícios manuais; vibra em simpatia com toda uma cidade viva, por vezes num «desejo absurdo de sofrer»: com o enjoo do gás extravasado, o chorar dos pianos das burguesinhas, o arrepio de um «dezembro enérgico e sucinto», com o Sol espelhado nas poças de chuva recente, as trindades os passos da patrulha, o toque das grades nas cadeias, os clarões das lojas nas naves das ruas, uma hortaliçeira regateando para o pão, uma engomadeira tuberculizando e sem ceia, os focos infecciosos da febre-amarela.... (p.

Saraiva, António José, & Lopes, Óscar (2001). *História da literatura portuguesa*. (17.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



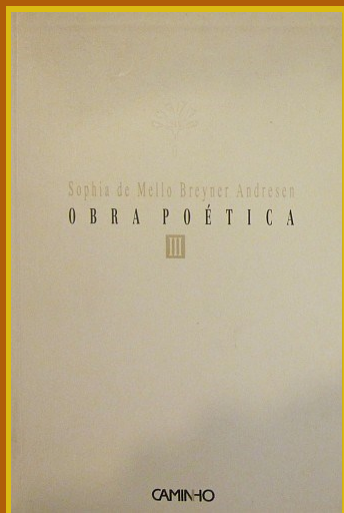
Cota: 80 TOR

Cesário capta o mundo físico (a realidade exterior e objectiva, o mundo da doxa) através de todos os seus cinco sentidos - «O tacto, a vista, o ouvido, o gosto, o olfacto!» («Cristalizações») – mas ao transmitir todo este cabedal de informações sensoriais através da sua poesia, é o sentido da vista, através de mensagens visuais, que parece dominar e coordenar todos os outros. David mourão- Ferreira Já disse de Cesário que ele era um «pintor nascido poeta» e disse ainda, quanto ao uso da cor: «Cesário Verde é um colorista nato».

As qualidades pictóricas da poesia de Cesário são, na verdade, notáveis, e, como para confirmar a associação nele tão clara e imediatamente se detecta entre pintura e poesia, o próprio Poeta refere-se muitas vezes à pintura e à pintura-com-palavras. Escreve por exemplo em «Nós»: Pinto quadros por letras, por sinais... (p. 25)

Torres, Alexandre Pinheiro. (2003). *A paleta de Cesário Verde*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



Cota: 821.134.3-1 AND

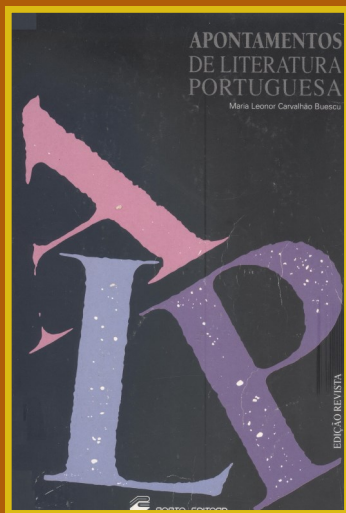
Cesário Verde

Quis dizer o mais claro e o mais corrente
Em fala chã e em lúcida esquadria
Ser e dizer na justa luz do dia
Falar claro falar limpo falar rente

Porém nas roucas ruas da cidade
A nítida pupila se alucina
Cães se miram no vidro de retina
E ele vai naufragando como um barco

Amou vinha e searas e campinas
Horizontes honestos e lavados
Mas bebeu a cidade a longos tragos
Deambulou por praças por esquinas

Andresen, Sophia de Mello Breyner. (s/d). *Obra poética* (3.º vol.). Lisboa: Caminho.



Cota: 80 BUE

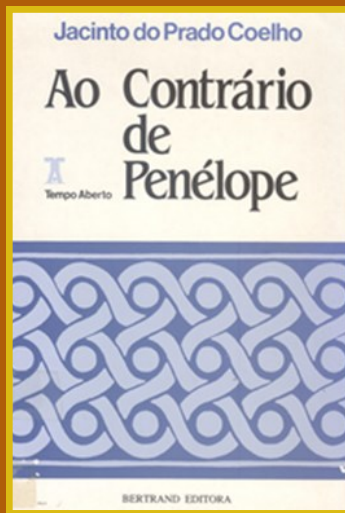
Assim como o Satanismo era uma corrente derivada do Realismo, o Parnasianismo baseia-se também numa visão objetiva da realidade.

Tem, pois, como finalidade a expressão do real, recortado na sua nitidez de contornos, descrito através de dados de uma precisão rigorosa e objetiva.

Contudo, enquanto os realistas propriamente ditos e os satânicos encaravam indistintamente todos os aspetos da realidade, dando, por vezes, até, preferência aos prismas mais sombrios da via, os Parnasianos escolhem da realidade apenas os aspectos que podem ser esteticamente valorizado, ou elevam a nível poético os temas quotidianos que pela primeira vez ingressam definitivamente na poesia. Para o Parnasianismo, acima de tudo está a estética, a serenidade, o equilíbrio(...) Foi, no entanto, Cesário Verde (1855-1886) o maior

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. (1993). *Apontamentos de Literatura Portuguesa*.

Porto : Porto Editora.

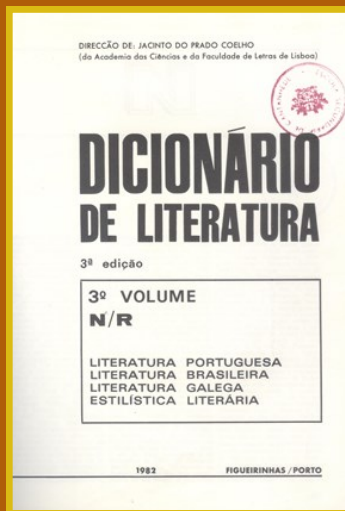


Cota: 80 COE

Consciente da sua arte, Cesário afirma: «pinto quadros por letras, por sinais.» É de facto , um poeta–pintor , e aos seus quadros não falta perspetiva ,as coisas vão-se distribuindo por planos sucessivos ; lemos as primeiras estancias da segunda parte de «Nós» e a paisagem rustica desdobra-se aos nossos olhos, primeiro as quintas «bem muradas», as courelas, o casario à beira da calçada , depois o rio , «muito ao fundo entre olmeiros seculares», e ao longe as montanhas, como grandes cabeças , e os vales de vegetação densa. Em «O Sentimento dum Ocidental», onde o poeta é personagem deambulante, acumulam-se notações espaciais.

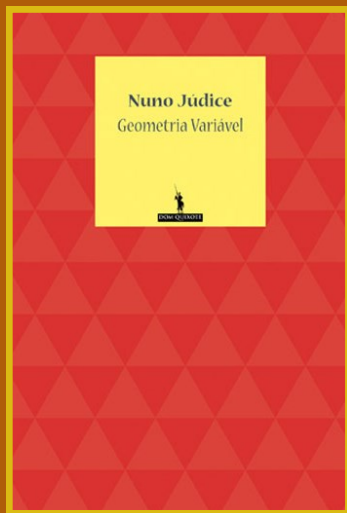
Os quadros são por vezes dinâmicos, quer no movimento da «câmara» do poeta, que se desloca por isso , impressionistamente surgem «ventres de tabernas» em «nebulosos corredores») quer porque há figuras que

Coelho, Jacinto do Prado. (1987). *Ao contrário de Penélope*. Venda Nova: Bertrand.



Cota: 80(038) COE

A necessidade de objetivar ou despersonalizar a poesia tomou vulto em França nos meados do séc. XIX. É sempre algo fictícia a tarefa de rotular poetas e delimitar o âmbito de uma escola literária, até porque as revoluções do pensamento e do gosto germinam já em épocas anteriores àquela em que se declaram. Foi a saturação das «indecorosas carpiduras românticas» o pudor do egolatrismo, que, até certo ponto, determinou o movimento parnasiano. Já em Vigny, porém, se afirmara uma reação anti-romântica, na rejeição da confidência, na transposição dramática da experiência íntima; Vitor Hugo tentara operar a transição do individual para o geral. Com toda a complexidade que os seus múltiplos expoentes lhe trazem, o Parnasianismo francês, que ao mundo ditou os moldes de uma nova estética, concentra-se, como teoria, em



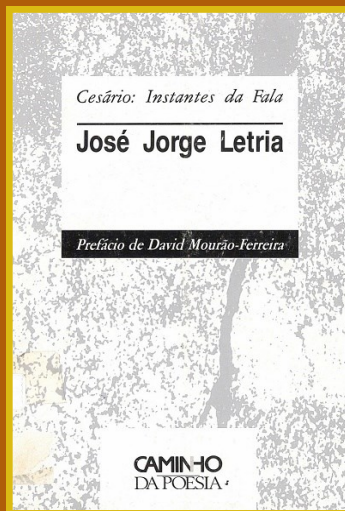
Cota821.134.3-1 JUD

Piquenique sem Cesário Verde

Com o dia encoberto, de manhã, vou
Para o campo com Cesário; e num prado
De versos levantam-se rolas e perdizes,
Como imagens, batendo as asas
Com a música que espanta as ovelhas.

E num canto mais verde, que
As árvores protegem do céu, vejo
A mulher que me espera, nesse
Almoço sobre a relva que nenhum pintor
Sonhou, e eu desenho com palavras.

Seguro-lhe a cabeça nos meus
Braços, e ela repousa num fragmento
De amor, que as flores da primavera
Envolvem numa grinalda esculpida,

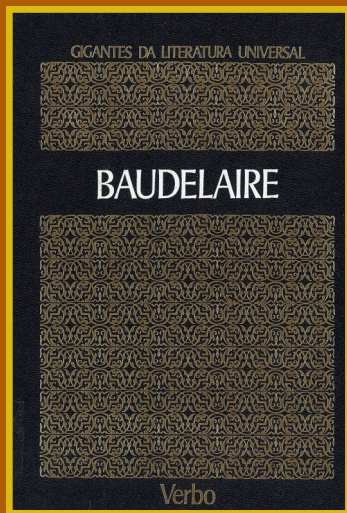


Cota: 821.134.3-1 LET

Ai, eu pudesse ser pintor e verter
numa folha impressa , limpa as cores todas
que a cidade me reserva no seu bojo
de agua clara e luz aquietada rente
aos muros das hortas e ás paredes rosa velho
dos prédios da memoria da infância.

Ai, pudesse eu transfigurar-me em ave
daquelas que salpicam em voo o cetim
azul das tardes e pintaria a golpes de asa
uma outra vocação que não a minha, talvez
a tonitruante vocação dos hereges, dos
revoltosos, dos anunciadores de tudo
o que se muda e se transforma; outro
desígnio não queria ter a não ser este:

Letria, José Jorge (1989). *Cesário: Instantes da Fala*. Lisboa: Editorial Caminho.

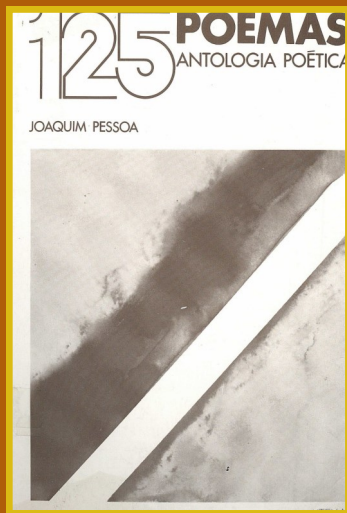


Cota: 80(092) ORL

ConTextos

Para Baudelaire, o artista é um indivíduo superior que uma massa de «salsicheiros» militares ou burgueses, tenta constantemente abafar, esmagar, aniquilar. O seu destino: a solidão e a incompreensão. A única defesa para sobreviver: o desprendimento, o desprezo pela regra comum. O artista é um dândi, mas para Baudelaire, esta palavra não tem significado idêntico ao dos nossos dias. O dandismo é uma religião, um culto racional que «singulariza» o indivíduo, não só pelo traje, mais ou menos estranho, mas também pela moral, pelo comportamento político e social. O dândi não é como os outros: é um homem superior. No seu importante ensaio sobre Constantin Guys, «O Pintor da Vida Moderna» Baudelaire consagra um capítulo inteiro à filosofia do dândi: «O dandismo é uma instituição vaga, tão bizarra como o duelo; muito antiga, visto que já Cesar, Catilina, Alcibíades, se nos apresentam como tipos

Orlandi, Enzo. (1972). *Charles Baudelaire*. Lisboa: Verbo.



Cota: 821.134.3-1 PES

Quinta canção

Chamar-te a ti Lisboa, camarada,
e depois, eu sei lá, enlouquecer
Que a loucura é quase um grão de nada
e tu tens um nome de mulher.

Ou dizer que és a minha namorada.
Devagar. Não vá alguém saber
que fizemos amor de madrugada
e tu trazes um filho por nascer.

Se eu inventar de noite a liberdade
de poder beijar-te nos olhos e morrer,
no teu ventre não há fado nem saudade
mas apenas os filhos que eu fizer. (p. 64)

Pessoa, Joaquim. (1989). *125 poemas: antologia poética*. (3.ª ed.). Lisboa: Litexa.

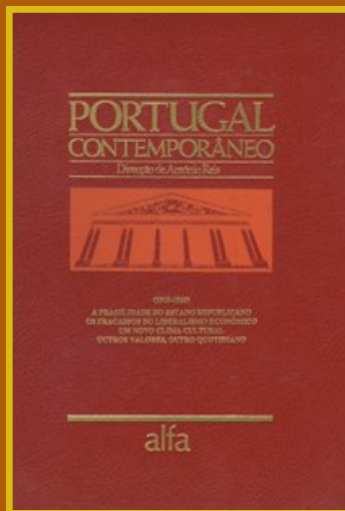


Cota: 821.134.3-1 PES

Tal como o Cesário

Tal como Cesário, eu amo os ácidos, os gumes e os ângulos agudos, mas ao contrário do Cesário também gosto de escrever em prosa (é a primeira vez, sinto-me mal) porque, não é só porque, mas também está na moda, é bem, é bom, para um poeta escrever em prosa é tão necessário como para uma galinha comer areia, enrija o ovo, isto é, a escrita, e desafia-se a crítica, dá gozo, é porreiro, como a gente costuma dizer, e o que não digo é que não continue a gostar muito de Cesário, às vezes até me imagino amigo dele, gostaria de ter sido, nem me importava de aguentar com a puta da tuberculose que acabou com ele e, quem sabe? com a possibilidade de ele ter escrito em prosa e era muito interessante saber o que diriam os nossos críticos da prosa do Cesário, eu imagino-a, impecável, limpa, geométrica, pura, como um bom quadro

Pessoa, Joaquim. (2013). *Guardar o fogo*. Viseu: Edições Esgotadas.



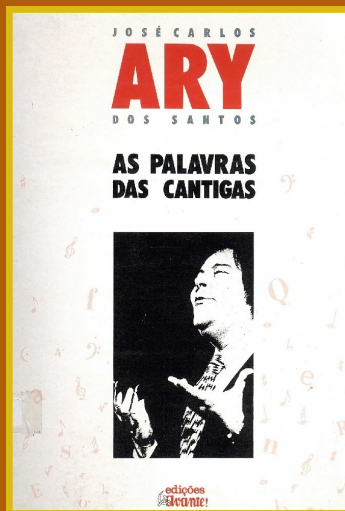
Cota: 94(469) REI

Alfama e Mouraria são os dois focos perigosos da nossa capital. Ali, n'aquele dédalo de ruellas estreitíssimas, n'aqueles prédios cambados, podridos e senis, se acoita toda a população de vagabundos, falsos mendigos e mendigos verdadeiros, faquistas, gente baixa, e não raras vezes serve de velhacouto a verdadeiros criminosos» (Luís Forjaz de Sampaio in *Ilustração Portuguesa*, de 19 de Novembro de 1907, p. 489)

Uma associação natural ainda hoje nos surge quando se evocam os tempos da velha Lisboa boémia: a noite, Alfama, Mouraria, o fado, as tabernas, os «marialvas», as prostitutas e tudo o mais. Assim se identificam um tempo, um espaço e os protagonistas do mundo da transgressão, do pecado, da desordem, da ameaça à moral pública e aos bons costumes.

A coberto da noite, tudo podia acontecer; na obscuridade da cidade, o que de dia era pacato revelava-se ameaçador e perigoso para os incautos... (p. 342)

Reis, António (1990). *Portugal contemporâneo*. (Vol. 2). Lisboa: Alfa.



Cota: 821.134.3-1 SAN

A cidade é um chão de palavras pisadas
a palavra criança a palavra segredo.

A cidade é um céu de palavras paradas
a palavra distância e a palavra medo.

A cidade é um saco. Um pulmão que respira
pela palavra água pela palavra brisa

A cidade é um poro, um corpo que transpira
pela palavra sangue pela palavra ira.

A cidade tem praças de palavras abertas
como estátuas mandadas apear.

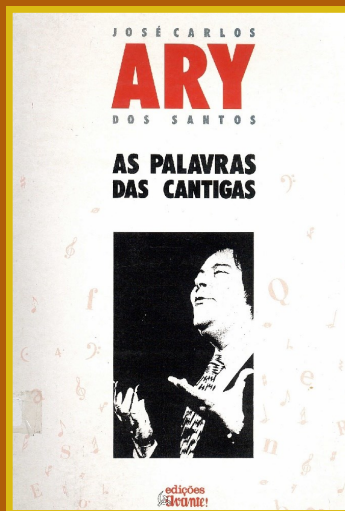
A cidade tem ruas de palavras desertas
como jardins mandados arrancar.

A palavra sarcasmo é uma rosa rubra.

A palavra silêncio é uma rosa chá.

Não há céu de palavras que a cidade não cubra
não há rua de sons que a palavra não corra

Santos, José Carlos Ary dos. (1989). *As palavras das cantigas*. (5.ª ed.). Lisboa :
Avante.



Cota: 821.134.3-1 SAN

No castelo, ponho um cotovelo
em alfama, descanso o olhar
e assim desfaz-se o novelo
de azul e mar

À Ribeira encosto a cabeça
a almofada, na cama do tejo
com lençóis bordados à pressa
na cambraia de um beijo

Lisboa menina e moça, menina
da luz que meus olhos veem tão pura
teus seios são as colinas, varina
pregão que me traz à porta, ternura.
Cidade a ponto luz bordada
toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada

Santos, José Carlos Ary dos. (1989). *As palavras das cantigas*. (5.^a ed.). Lisboa:
Avante.



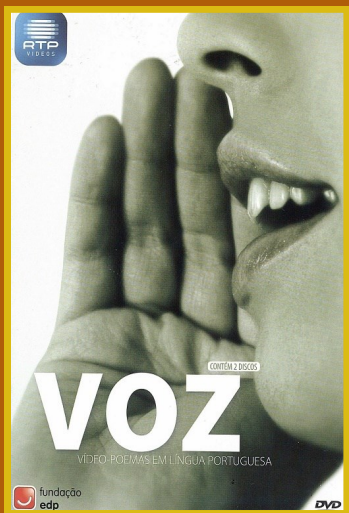
Cota: 821.134.3-1 SOU

Rossio. Rossio mil e um, mil e dois, mil e três.
Rossio multimoda da Lisboa-viela.
Lisboa aquecida. Lisboa despida.
Lisboa-viagem numa caravela.

Barcos de papel à tona d'água.
Cestos de papel-à-vista, flor.
Papel nos bolsos, papel nas arcas.
Papéis-menina a vender amor.

Polícia artefacto (vendedor vem comigo).
Relógio partido (parado ou não).
Rodelas de ginja encantada e um vidro.
(estão todos bebidos, caídos, perdidos, irmão).
Gravatas sem vida (baratas, presentes).
Marinheiro por detrás (redondo, redondo).
Magalas com sorte, magalas doentes.

Sousa, João Rui de. (2002). *Obra poética*. Lisboa: Dom Quixote.



791.229.1 FRE

Atores, músicos e outros, portugueses e brasileiros ligados às questões da cultura abordam poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Camões, Manuel Alegre, Vinicius de Moraes, Sophia de Melo Breyner, Bocage, Cesário Verde, ... de uma forma muito interessante: o vídeo-poema.

Os poemas são acompanhados de imagens que criam contextos adequados e de uma banda sonora.

Com uma muito cuidada seleção dos contextos e banda sonora que acompanha a récita dos poemas, «Voz» é um excelente recurso educativo a ter em atenção por professores de Português, Filosofia, História e outros.

ConTextos

Freitas, Ricardo. & Espírito-Santo, Ricardo. (2010) - *Voz: video-poemas em língua portuguesa [Filme]*. Lisboa: CastelloLopes Multimédia.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário